

Nº

00792



ESTADO DO PARANÁ

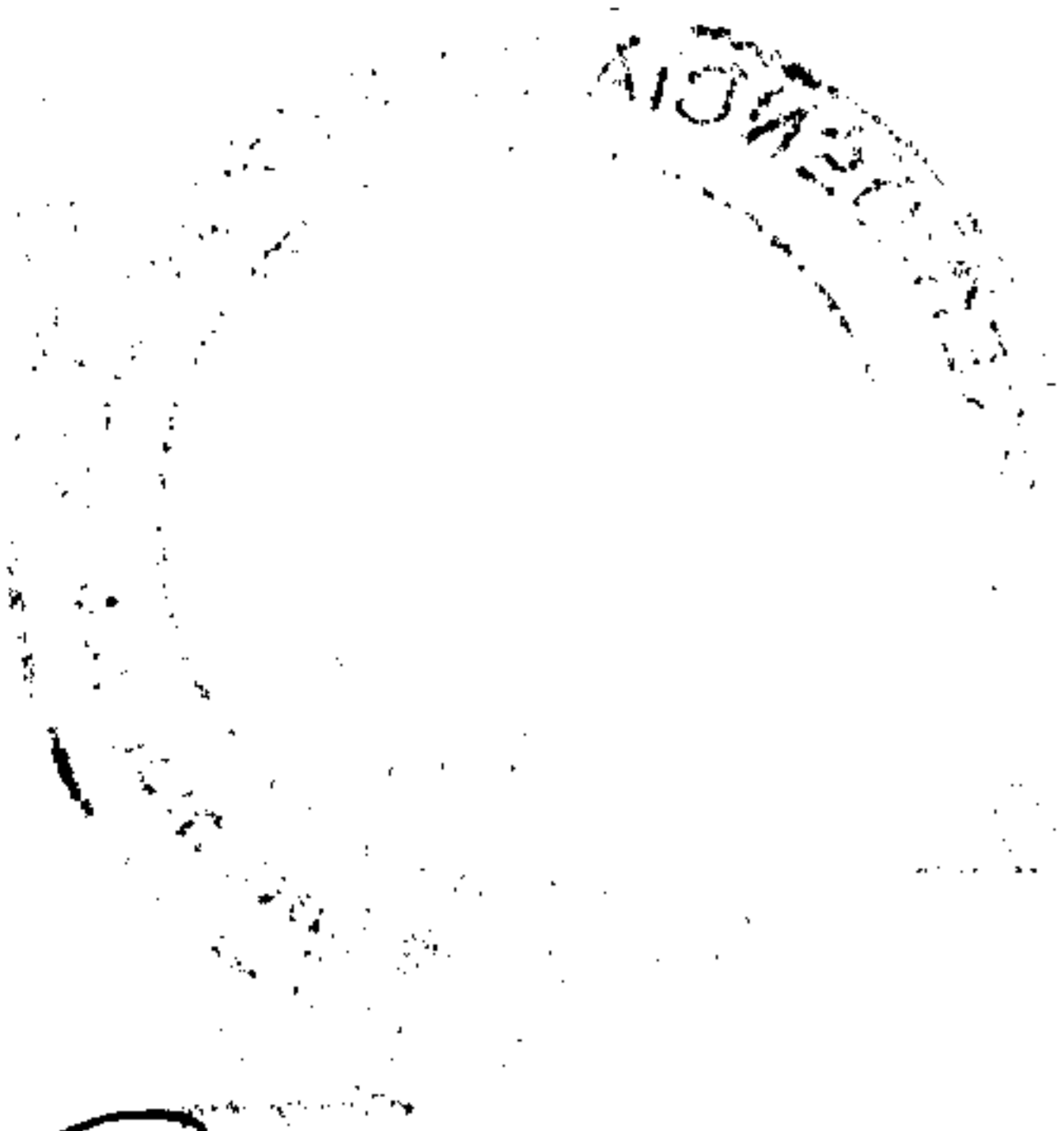
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA

DEPARTAMENTO DA POLÍCIA CIVIL

DIVISÃO DE SEGURANÇA E INFORMAÇÕES

DOCUMENTOS/INFORMAÇÕES REFERENTES À:

COLINA



CONFIDENTIAL

DEPARTMENT OF THE INTERIOR

GENERAL INVESTIGATIVE DIVISION

WASHINGTON, D.C. 20540

Part 9: COLINA.

ATTA
OYUUSA

ADONSIYU
OAYU ISTITUKI

Para Agência encarregada de receber

... ..

O DIRETOR-GERAL DO SERVIÇO NACIONAL DE REGISTRO E RESPONSABILIDADE
DEBEM SER NOTIFICADOS DE TODAS AS ATIVIDADES
DESENVOLVIDAS POR ESTE SERVIÇO
(Assessoria de Planejamento)

...

...

REDE FERROVIÁRIA FEDERAL S.A
REDE DE VIAÇÃO PARANÁ - SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE SEGURANÇA
SETOR SEGURANÇA

CURITIBA 22/ OUTUBRO / 19 69..

ASSUNTO: COMANDO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL (COLINA)
ORIGEM: CIE
AVALIAÇÃO: A-2
DIFUSÃO: PRFS/RFFSA - BNI/ACT - BIJD/PMEP - AN-4 - CAD. ARQ.-
DIF. DESDE A ORIGEM: III RI- DPF - SETS/RVPSC.
ANEXOS:
REFERÊNCIA: INFO. Nº 101/69 - 00

~~INFORMAÇÃO Nº 52/69 - I - D - H~~

- 1.1. - O COMANDO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL, conhecido pela sigla COLINA vem executando assaltos a bancos, roubos de carros e de armas nos Estados de Minas Gerais e Paraná e Guanabara.
- 1.2. - Recentemente foram desbaratados 2 (dois) grupos que atuavam nos Estados de Minas Gerais e Paraná, possibilitando o aprisionamento de um grupo independente na GB com furto de material subversivo, uniformes, equipamentos e algumas armas.
- 1.3. - Parte do armamento utilizado pelo grupo, principalmente pistolas cal. 9 mm é adquirido clandestinamente no Paraguai.
- 1.4. - Segundo declarações de elementos do COMANDO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL no Estado da Guanabara, estão previstas as seguintes ações de guerrilhas:
 - a - desencadear, com o grupo situado na Fronteira Paraná - Mato Grosso com o Paraguai, escaramuças contra destacamentos do exército, cujo efetivo seja inferior a 25 (vinte e cinco) homens dotados de armamento absoluto. Este grupo ainda não dispõe de armamento moderno;
 - b - atuar com 2 (dois) grupos, situados em Laranjeiras do Sul e Chopinzinho, ambos no Paraná;
 - c - operar com um grupo que está sendo formado na cidade de Imperatriz - MA, na região Norte de Goiás, ao longo da rodovia Belém - Brasília;
 - d - Infiltrar o maior número de elementos ligados ao movimento, nos órgãos da administração central;
 - e - desgastar o Governo através de ataques constantes a quartéis, assaltos a bancos etc.
- 1.5. - Com base em depoimento e documentos apreendidos, destacam-se

REDE FERROVIÁRIA FEDERAL S.A
REDE DE VIACÃO PARANÁ - SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE SEGURANÇA
SETOR SEGURANÇA

CURITIBA, 22 / OUTUBRO / 19 69.-

ASSUNTO: COMANDO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL (COLINA)

ORIGEM: CIE

AVALIAÇÃO: A-2

DIFUSÃO: PRFS/RVPSA - SNI/ACT - SIJD/PMEP - AN-4 - CAD. ARQ.-

DIF. DESDE A ORIGEM: III KX - DPF - SETS/RVPSO.

ANEXOS:

REFERÊNCIA: INFO. Nº 101/69 - CO

~~INFORMAÇÃO Nº. 58/69 - I D N~~

os seguintes aspectos:

- a - O COLINA procura cumprir um planejamento, incluindo:
 - assaltos visando a obter, principalmente, meios materiais (armas, viaturas, etc) para suas ações subversivas;
 - guerrilha rural, em particular em áreas e locais em que a força federal é deficiente;
 - guerrilha urbana, sempre que viável, em regiões (cidades) dispersas do território nacional os órgãos federais não possam atuar, em curto prazo, fácil e simultaneamente.
- b - Integrantes do COLINA têm ligações com elementos no território paraguaio, de onde recebem armamento e aonde poderão caso necessário, buscar refúgio.

- * * * -

CHEFE DO SERVIÇO DE INFORMAÇÕES DO SETOR DE SEGURANÇA
DA REDE DE VIACÃO PARANÁ - SANTA CATARINA

Journal de
Journal - 4-5.6

Tribuna do Paraná

Diretor: JOAO BATISTA DE MORAES

ANO XII — CURITIBA, 4.a FEIRA, 27 DE AGOSTO DE 1969 — N.º 3.816 — EDIÇÃO DE HOJE: 8 PAGINAS

Solto pela Justiça do Paraná agora, Ramiro chefia assaltos

*Pasta
Polícia*



Ramiro de Moura Pacheco tem 26 anos, dos quais 11 vividos no meio do crime: contrabandos, e assaltos a bancos. Agora, está sendo caçado por toda polícia do Sul do País. Um levantamento efetuado pelas autoridades policiais de São Paulo revela que seu grupo composto de paraguaios e brasileiros assaltou 18 estabelecimentos bancários, levantando mais de 400 mil cruzeiros novos. O primeiro assalto foi realizado em junho de 1968 na capital paulista. Aqui, esteve preso duas vezes: depois dos assaltos aos dois bancos do bairro do Portão e quando contrabandeava uísque do Paraguai para o Brasil. Na primeira vez teve sua prisão preventiva relaxada e na segunda, foi absolvido da acusação. A polícia paulista acredita que ele esteja envolvido na morte de Paulo Ramires, um cúmplice que ficou amedrontado e foi eliminado para não comprometer a segurança do grupo. — (PÁGINA QUATRO).

Eis os motivos da caçada

Na segunda prisão, Ramiro e Ozório confessaram que participaram de seis assaltos em São Paulo, levantando pouco mais de 290 mil cruzeiros novos, de agências situadas nos bairros da Mooca, Água Branca, Pinheiros, Itaim, Braz e Lapa. Forneceram detalhes das operações e nominaram os estabelecimentos assaltados: Banco do Comércio de São Paulo, da Bahia, Comércio e Indústria de São Paulo, Mineiro do Oeste e Francês e Italiano. O bando usava vários automóveis: um Itamaraty vermelho, um JK azul, um Aero Willys vermelho e branco, um Simca preto, um Belair verde e um Aero Willys verde e bege. O equipamento consistia em metralhadoras «Pan», de fabricação argentina, e revólveres Taurus, de calibres 32 e 38.

Neste interim, chegou a Curitiba o policial Angelino Moriterno, o «Russinho», do Esquadrão da Morte de São Paulo. Informou que estava na pista de Ramiro Pacheco há

meses, supondo mesmo que ele fizesse parte da célebre quadrilha da metralhadora chefiada pelo «coronel» Roberto Manes, o criminoso mais procurado no Brasil, que implantou o terror em vários Estados, realizando assaltos a bancos e atentados políticos.

A CAÇA

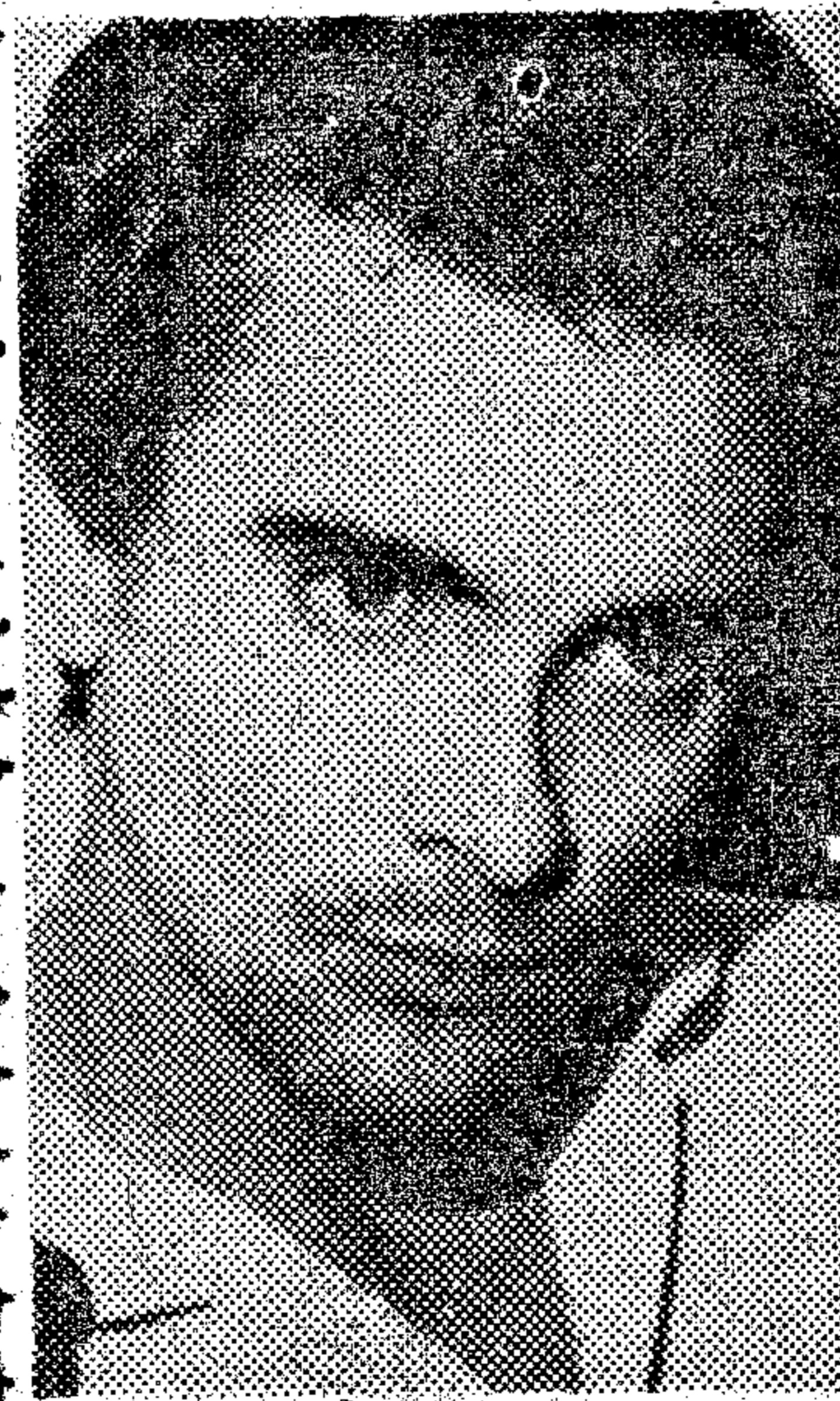
Supondo que Ramiro estivesse também na mira de remanescentes do bando, a Polícia Federal providenciou seu encaminhamento a São Paulo, onde a polícia chegou a conclusão que ele não participou de nenhum assalto naquela Capital, apesar de sua confissão e dos detalhes que forneceu aqui. Mais tarde foi absolvido e fugiu. Em consequência da fuga e das decisões estranhas, foi criada a «Operação Bandeirante», integrada por elementos selecionados da polícia paulista e do II Exército, que centralizou as investigações pertinentes a assaltos bancários, atos de terrorismo e de subversão caracterizada. Foi o pessoal da «Operação Bandeirante»

que levantou a vida pregressa de Ramiro e seu bando de paraguaios e brasileiros, concluindo que além dos seis bancos anteriormente citados, eles assaltaram outros, num total de 18, inclusive o Tozan, no dia 11 de junho de 1968, antes dos dois assaltos no Portão, e o Português do Brasil, de onde levaram 45 mil cruzeiros novos.

Já um levantamento realizado pelas autoridades de São Paulo revela que somente o bando chefiado por Ramiro é responsável por assaltos que resultaram no «levantamento» de mais de 400 mil cruzeiros novos, e pela morte de Paulo Ramires, um cúmplice que ficou amedrontado e eliminado para não comprometer a segurança dos demais. Esse crime foi atribuído ao «Esquadrão da Morte» pelos jornais de São Paulo. Ramiro está sendo caçado por isto em vários Estados, por elementos das polícias estaduais e da Federal, enquanto continua na mira do «Esquadrão da Morte».

Polícia do Sul atrás de Ramiro. É um assaltante

Um perigoso assaltante de bancos, contrabandista e pistoleiro está sendo caçado pela polícia em todo o Sul do Brasil: Ramiro de



RAMIRO PACHECO: pistoleiro, contrabandista e assaltante de bancos aos 26 anos de idade. Está desaparecido.

Moura Pacheco, que por duas vezes esteve na mão da polícia paranaense. A primeira vez foi logo após o assalto às duas agências bancárias do bairro do Portão, no fim do ano passado, e a outra, no começo deste ano, quando o prenderam por estar contrabandeando uísque do Paraguai para o Brasil.

Ramiro, juntamente com outros membros de sua quadrilha, foi recolhido à Prisão Provisória do Ahu, em setembro de 1968, mas teve sua prisão relaxada pelo juiz Rafael Rastelli, da 4.ª Vara Criminal, decidindo que somente os paraguaios (os que ajudaram a assaltar os bancos do do Portão) ficariam presos. Isso foi no dia 13 de setembro, porém, dois dias depois, o juiz resolveu anular a sua própria decisão, decretando nova prisão preventiva de Ramiro e Olavo Pereira Dias que aproveitaram a ocasião para desaparecer de circulação.

NOVAMENTE

Em janeiro de 1969, quando a competência para a

prisão dos assaltantes já havia sido outorgada à Polícia Federal, Ramiro e Ozório Bueno foram presos na Rua Iapó, 592, no Cajuru acusados inicialmente de contrabandear uísque escocês do Paraguai para o Brasil. Em poder dos dois foram apreendidos cinco litros da bebida estrangeira, que foram transportados no Volkswagen de Ozório. Interrogados duramente, acabaram confessando que roubaram uma série de bancos em São Paulo, o que motivou que eles fossem encaminhados a São Paulo. Ramiro e seu comparsa foram liberados depois de dois dias de interrogatórios e recambiados a Curitiba, de volta. Aqui, foram recolhidos à Prisão Provisória do Ahu à disposição da Justiça Federal por contra-bando. Posteriormente, foram absolvidos uma vez que prevaleceu a tese da defesa, de que os cinco litros de uísque destinavam-se ao consumo próprio, o que é permitido pela legislação vigente, até o limite de 25 dólares.

Vida de crimes inicia aos 15 anos

Com 15 anos de idade, a filha de Ramiro Moura Pacheco já era uma das que contava com mais passagens pela polícia gaúcha: desordens, agressão e roubos. Acabou fugindo de casa, ainda menor, e veio morar no Paraná. Nasceu em Campos Novos, Rio Grande do Sul, e conta, hoje em dia, com 26 anos, sendo casado e separado de sua legítima esposa. É filho de Josefina e Pedro Alves Pacheco. Entre os 15 e os 20 anos, trabalhou como balconista na "Panificadora Progresso", em Curitiba, foi pintor de automóveis da "Agência Paraguai", e motorista de onibus em Foz do Iguaçu. Na cidade fronteiriça entre o Brasil e o Paraguai, Ramiro ingressou definitivamente na vida do crime.

Depois dos 20 anos, já maior de idade, passou a viver única e exclusivamente de seus rendimentos de contrabandista, ladrão e assaltante. Sempre foi um "boa

pinta", trajando-se com esmerada elegância e fazendo questão de se hospedar nos melhores hotéis por onde passava. Sustentou diversas amantes em Curitiba e São Paulo. Usava os nomes de Pedro Pacheco, seu irmão falecido, e Pedro Ramires quando ia ao Paraguai buscar mercadorias para serem contrabandeadas.

"BARRA PESADA"

Em junho de 1967, dia 22, ele com Ozório Bueno (ex-chefe de cozinha e garção do Othon Palace Hotel, de São Paulo) e os irmãos Silvío e Silviano Hoffmann, fizeram uma tocaia contra o delegado Natel Gomes de Oliveira, na cidade de Foz do Iguaçu. Mais de cem tiros foram disparados, na ocasião, contra o delegado que escapou com vida. Todavia, um dos projéteis atingiu mortalmente uma jovem que estava limpando vidraças em um prédio vizinho (a moça tinha 17 anos). O tiroteio foi ocasião

nado por questões de terras, segundo as autoridades de Foz do Iguaçu, e os pistoleiros haviam sido contratados por mandantes desconhecidos. O inquérito, por razões também desconhecidas, até hoje não chegou à Justiça.

Quase um ano depois, março de 1968, Ramiro esteve na Delegacia de Ordem Política e Social solicitando a devolução do revólver "Taurus" 38, apreendido após o atentado contra o delegado. Alegou que nenhum inquérito havia sido instaurado a respeito e apresentou, ainda, um atestado de boa conduta fornecido pela delegacia daquela cidade fronteiriça. O pedido, todavia, foi indeferido e a arma — acredita-se que com ela foi morta a jovem — encontra-se até hoje no depósito de armas da DOPS. Depois, Ramiro assaltou o Banco Tozan, em São Paulo, antes de assaltar as duas agências bancárias no bairro do Portão, em Curitiba.